



## Saúde

# Mulheres são quase 50% dos médicos no Brasil e devem se tornar maioria

— Segundo CFM, médicas são 49,92% dos profissionais e ligeira vantagem masculina deve acabar neste ano; desde 2009, elas lideram entre egressos de cursos de Medicina

FABIANA CAMBRICOLI

O número de mulheres médicas já é quase metade do total de profissionais no Brasil, e elas devem superar a quantidade de homens e se tornar maioria na profissão ainda neste ano, conforme a nova edição do estudo Demografia Médica, divulgada hoje pelo Conselho Federal de Medicina (CFM).

Segundo a pesquisa, que reúne dados atualizados até janeiro deste ano, mulheres representam hoje 49,92% dos profissionais, enquanto os homens são 50,08% do total. Em 1990, só 30% dos médicos no País eram do sexo feminino.

Há localidades do País em que as médicas já são maioria, como na cidade de São Paulo, onde elas representam 51,04% da força de trabalho da profissão, com 39.721 profissionais.

Segundo o CFM, a ligeira vantagem masculina ainda existente no cenário nacional deverá ser superada neste ano porque, desde 2009, as mulheres são maioria entre as egressas das faculdades de Medicina. Entre os profissionais com menos de 40 anos, elas já são maioria (58%). E só considerando os médicos que ingressaram no mercado em 2023, 60% eram do sexo feminino.

“A minha turma da faculdade era composta majoritariamente por mulheres. De 40 alu-

**“Mulheres são dedicadas. A presença feminina costuma ser acompanhada por compromisso e maior tempo de permanência com os pacientes”**

**Lígia Bahia**  
Médica e professora da UFRJ

nos, só 7 eram homens”, conta a clínica-geral Laura Gomes Flores, que se formou em 2019 e é médica da retaguarda clínica do plano de saúde Alice.

O relato contrasta com o da oftalmologista Wilma Lelis Barboza. Formada na década de 1990, a médica e atual presidente do Conselho Brasileiro de Oftalmologia, conta que, na sua turma, 70% dos alunos eram do sexo masculino. “Havia um predomínio absoluto de homens e essa era a regra para todas as faculdades de Medicina”, conta. “Na oftalmologia, em congressos e reuniões científicas naquela época, as mulheres eram 2%, 3%.”

**CUIDADO COM PACIENTE.** Especialistas e representantes da categoria destacam que a mudança no perfil dos médicos brasileiros traz repercussões também para os pacientes. No estudo divulgado, o CFM ressalta que a evolução na composição de gênero na Medicina “traz consigo novas perspectivas e abordagens para o atendimento à saúde”.

Quanto às áreas de especialização, embora o País esteja atingindo um equilíbrio de gênero no número total de médicos, há especialidades que ainda mantêm amplo predomínio feminino ou masculino.

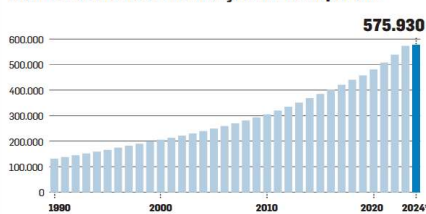
Estudo de 2023 da Associação Médica Brasileira (AMB) e da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) mostrou que, em dermatologia, pediatria, endocrinologia e alergologia, as mulheres representam mais de 70% dos especialistas. Já em áreas como urologia, ortopedia e neurocirurgia, os homens representam mais de 90% dos profissionais. As especialidades cirúrgicas, no geral, têm menos de 25% de mulheres entre seus médicos.

Para Lígia Bahia, médica e professora da Universidade Fe-

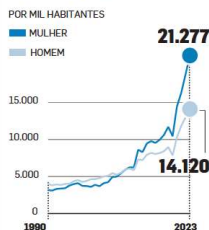
## DEMOGRAFIA MÉDICA

Quantidade de médicos em atuação no País dobrou em 15 anos

Número de médicos em atuação no Brasil por ano



Número de novos médicos por gênero e ano



\*DADOS ATÉ JAN. DE 2024

FONTE: DEMOGRAFIA MÉDICA 2024/CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA (CFM) / INFOGRÁFICO: ESTADO

Proporção de médicos por gênero



deral do Rio de Janeiro (UFRJ), a chamada feminização da Medicina é um fenômeno mundial impulsionado pela maior participação das mulheres no mercado de trabalho como um todo e traz um impacto positivo para o paciente ao elevar o número de profissionais do sexo feminino, que costumam ter mais habilidades relacionais, como a empatia.

“Mulheres são dedicadas, costumam privilegiar a solidez e a qualidade do trabalho em

detrimento da competição e valores elevados de remuneração. A presença feminina costuma ser acompanhada por compromisso e maior tempo de permanência com os pacientes”, diz a especialista.

**MEDO DE ASSÉDIO.** Médicas dizem que, de fato, o tabu sobre alguns problemas de saúde e até o medo de sofrer assédio fazem com que algumas mulheres se sintam mais confortáveis quando atendidas por al-

guém do mesmo sexo. “Na minha especialidade, recebo muitas mulheres que contam que estavam em busca de uma médica mulher por sentirem vergonha de passar em um homem”, diz Margareth Fernandes, cirurgiã-geral e proctologista, e diretora do serviço de cirurgia geral do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo.

Cirurgiã e diretora em um hospital de referência, ela, assim como Wilma, presidente de uma sociedade médico-científica, são exceções nos cargos que ocupam. Isso porque, apesar da paridade de gênero no número de profissionais, os cargos de liderança e de gestão na saúde ainda são majoritariamente ocupados por homens. E mulheres, mesmo que tenham boa formação e títulos acadêmicos, relatam

**Entre médicos jovens**  
Entre os profissionais com menos de 40 anos, as mulheres já são maioria: representam 58% do total

sofrer desconfiança e preconceito. “A situação melhorou, mas, ainda hoje, a impressão é que a gente precisa ter a melhor formação e o domínio de vários conteúdos para conseguir estar nesses espaços enquanto os homens podem chegar a esses cargos de liderança com uma carreira média. Parece que somos sempre mais testadas”, diz Wilma.

Para o CFM, o cenário “desafia as estruturas tradicionais e as normas de gênero na Medicina, abrindo caminho para um ambiente mais inclusivo e diversificado” e “pode servir como um catalisador para abordar questões mais amplas de equidade de gênero no setor de saúde”. ●

## Número de profissionais no País dobrou em 15 anos

Chegou a 575,930 o número de médicos em atuação no Brasil, o dobro do registrado há 15 anos, segundo estudo Demografia Médica, divulgado ontem pelo CFM.

A desigualdade na distribui-

ção de profissionais entre diferentes regiões, Estados e cidades, porém, permanece. A taxa de médicos do Distrito Federal, por exemplo, unidade da federação com maior concentração de profissionais (6,31

por mil habitantes), é 400% maior do que a do Maranhão, que tem o menor índice: 1,26.

Quinze Estados têm taxa menor do que a média nacional. Esse grupo é composto por todas as unidades da fede-

ração do Norte, com exceção de Rondônia; todas do Nordeste, com exceção da Paraíba; e Mato Grosso, no Centro-Oeste. A Região Sudeste é a que tem a maior proporção de médicos (3,76 por mil habitantes) e concentra 51,1% dos profissionais do País, embora seus moradores somem 41,7% da

população brasileira. Entre capitais, a discrepância é ainda maior: Vitória (ES), tem 18,95 médicos por mil habitantes, enquanto Macapá (AP) tem 2,35. Na análise por porte populacional das cidades, as com mais de 500 mil habitantes reúnem 29% da população, mas 57,8% dos médicos. ● F.C.